REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO—VOLUME VIII—N.º 247

1 DE NOVEMBRO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

A abertura do theatro de S. Carlos é um dos acontecimentos mais importantes do inverno lisboeta. A abertura das camaras passa sempre desapercebida, apezar do apparato da tropa — a abertura de S. Carlos preoccupa toda a gente.

É que como já muitas vezes temos aqui notado, o theatro de S. Carlos é a predilecção especial de Lisboa.

Os lisboetas importam-se muito pouco ou nada com o theatro portuguez, não se importam cousa nenhuma com a politica não fazem caso algum de bellas artes e de bellas lettras, mas S. Carlos preoccupa-os excessivamente quasi que exclusivamente.

É sem dar absoluta razão ao publico de Lisboa eu não censuro de fórma alguma o seu amor pelo theatro lyrico; lamento apenas o exclusivismo da sua paixão e desejaria que elle désse em todas as outras cousas o testemunho de vitalidade que dá no theatro de S. Carlos.

O portuguez de ordinario concentrado, indifferente, frio, nada meridional em todos os actos da sua vida social, transforma-se na platéa do theatro lyrico: alli vive, agita-se, fala, discute, tem opiniões suas, tem calor, tem expansibilidade, tem vontade, é alguem.

Ás vezes elle tão pouco meridional cá fóra é meridionalissimo, se me permittem o superlativo, lá dentro: muito justo ás vezes é outras muito injusto, muito irreflectido: elle que em toda a sua vida parece couraçado contra as impressões de momento que nos outros povos meridionaes determinam as grandes agitações, as ruidosas manifestações collectivas, alli, no theatro de S. Carlos deixa-se dominar completamente, impensadamente pelas primeiras d'essas impressões e d'ahi frequentemente julgamentos menos justos, menos conscienciosamente determinados, embate violento de opiniões oppostas, tumultos, discussões vehementes, conflictos ruidosos, que trazem uma nota original, nova, extranha, á pacatez, á semsaboria, á indifferença doentia que constitue a nossa vida de todos os dias.

É por tudo isto, é por este modo de ser em relação á nossa opera italiana que todas as questões lyricas tem o condão especial de preoccupar extraordinariamente o publico de Lisboa, que tudo que diz respeito ao theatro de S. Carlos é um assumpto importante na nossa cidade.

A quéda de um ministerio não faz entre nós a sensação que produz a quéda de uma empreza lyrica, a formação de um gabinete é commentada frouxamente por duas ou tres pessoas, ao passo que a formação da companhia italiana é discutida e acaloradamente por toda a gente de Lisboa, e o decreto mais importante que a folha official publique, não levanta os commentarios que provoca a mais insignificante aria cantada por qualquer tenor de segunda ordem.

Isto é assim, está profundamente enraisado nos nossos habitos, parece estar-nos na massa do sangue e nós temos de acceitar os factos como elles são, a gente como ella é.

Este anno o elenco da companhia de S. Carlos preoccupava o publico ainda mais que do costume.

E comprehende-se perfeitamente o motivo.

O elenco d'este anno é excepcional. Como já dissemos na nossa ultima chronica, figura n'elle o nome mais glorioso de todo o mundo lyrico moderno, o nome de Adelina Patti.

Além da celebre diva, a empreza annuncia recitas extraordinarias, com a extraordinaria Devriès, que no anno passado tão grande enthusiasmo causou em Lisboa e com o tenor Massini, outra celebridade lyrica, que cantou ha muitos annos em S. Carlos antes de ser astro de primeira grandeza e cujo nome anda ao lado de Gayarre, como dos dois primeiros tenores do mundo.

Ao lado d'estas tres novidades de primeira ordem, o elenco das recitas ordinarias, a sopa, cosido e arroz da epoca que se inaugurou hontem era quasi que na sua totalidade mysterioso para o publico.

Dois artistas conhecidos apenas: a Borghi-Mamo e o Cotogni, dois artistas realmente notabilissimos, mas ácerca dos quaes o publico tinha deante de si uma interrogação porque ha muitos annos os não ouvia, e no fim de contas os cantores não duram muito, não resistem longamente á acção do tempo, não são como os vinhos generosos, que quanto mais annos passam por elles melhores elles são.

E o Cotogni estivera cá ha muitos annos e já não era nenhuma creança que desse os seus primeiros passos, a Borghi cantara em S. Carlos ha muito menos tempo, é verdade, mas depois d'isso fizera umas poucas de estações no Brazil, e o tempo do Brazil para os cantores, como o tempo da Africa para os militares, conta-se em dobrado.

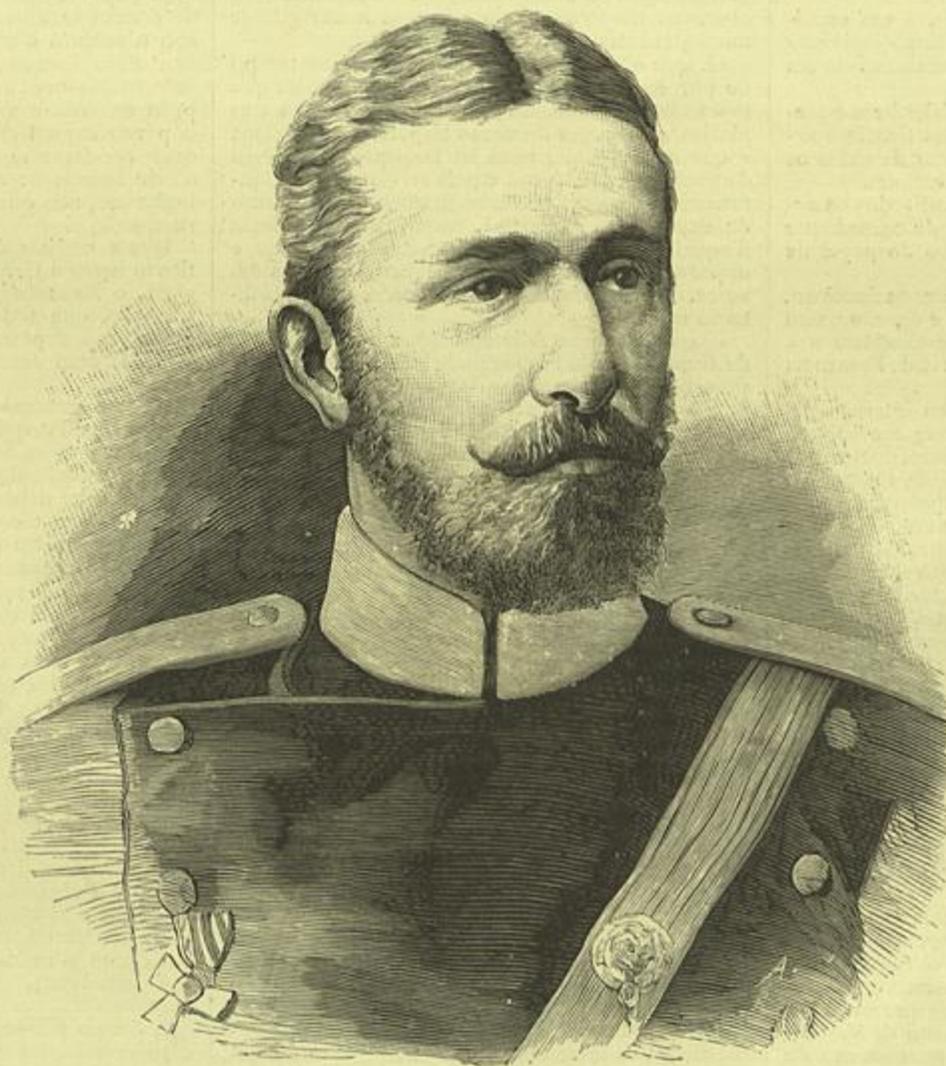
E afora estes dois nomes, já seus velhos conhecidos, o mais são tudo nomes novos: o baixo Lorrain, o tenor Jourdain, o barytono Devriés, a dama lyrica Roussel, nomes que não andam no ouvido do publico, onde ordinariamente não chegam rapidamente senão os nomes que veem muito apregoados de Italia.

D'ahi, uma grande curiosidade pela abertura de S. Carlos, um grande interesse em fazer conhecimento d'esses artistas novos.

As operas escolhidas para essas apresentações foram o *Mephistopheles*, a *Linda de Chamounix* e o *Rei de Lahore*.

O *Mephistopheles* cantou-se hontem, a *Linda* deve cantar-se hoje, e o *Rei de Lahore* n'uma das proximas noites. Portanto, só poderemos falar da primeira d'estas operas e dos artistas que n'ella se apresentaram.

Ha quatro annos que o *Mephistopheles* se cantou pela primeira vez em Lisboa. Mephistopheles era então o baixo Nannetti, Fausto era o tenor Fancelli, e Margarida a prima-donna Borghi-Mamo.

O desempenho notabilissimo d'esta cantora, tanto na parte lyrica

OS ULTIMOS SUCCESSOS DA BULGARIA — O PRINCIPE ALEXANDRE

como na parte dramatica, a execução muito correcta de Romano Nannetti e a corrente que no alto *dilettantismo* portuguez se estabeleceu em favor da moderna escola musical, da musica *savante*, fizeram certo *successo* á opera de Boito.

O *Mephistopheles* é innegavelmente uma opera trabalhada com profunda sciencia, tem paginas magistraes, revelam em Boito um mestre distinctissimo; mas não é atravessada por esses largos sopros de inspiração que pairam sobre as operas immortaes de Meyerbeer, de Verdi, de Rossini e algumas de Donizetti, não tem a chancella do genio, que marca as obras destinadas a longa posteridade.

Alberto Wolff o illustre chronista parisiense assistindo uma noite em Bruxellas á representação da opera de Boito diz que nunca admirou tanto o *Fausto* de Gounod como ao ouvir o *Mephistopheles*.

Effectivamente o brilhante critico francez tem carradas de razão. O *Mephistopheles* de Boito é muito bem trabalhado, tem trechos musicaes de subido valor, mas realmente perante aquella scena da *kermesse* o nosso ouvido repete-nos cheio de saudades a magnifica *kermesse* de Gounod; perante a scena do jardim de Margarida, a memoria canta-nos aquelle delicioso duetto ao luar do maestro francez e no acto da prisão quando a Margarida de Boito relembra o passado, como nós relembramos toda aquella scena explendida da morte de Margarida, e o tercetto maravilhoso que fecha essa scena.

Mas hontem não se tratava de apreciar a opera de Boito, tratava-se de apreciar os quatro artistas encarregados dos principaes papeis — a Borghi-Mamo, a sr.ª Borlinetto, o baixo Lorrain e o tenor Jourdain.

Borghi-Mamo foi magnifica em toda a opera.

Os annos de ausencia passaram sobre ella sem em nada prejudicarem o seu talento notabilissimo, a sua explendida voz, a sua primorosa arte.

É a mesma artista *hors-ligne* que nós tantas vezes applaudimos, com todos os seus magnificos dotes naturaes realçados ainda pela sciencia e pela segurança que dão o estudo e a practica.

Cantou e representou notavelmente a parte de Margarida e de Helena, e a maneira como caracterisou este personagem do segundo *Fausto* de Gœthe, differentemente da creação perfeitamente germanica de Gretchen bastaria para a evidenciar comediante de alto merecimento.

O sr. Lorrain, o *Mephistopheles*, é um excellente artista possuidor da voz de baixo mais ampla, mais cheia, que ultimamente temos ouvido em S. Carlos.

Tem uma excellente voz, usa d'ella bem e melhor usará ainda quando, com mais tirocinio artistico estiver completamente senhor de todos os seus valiosos e raros recursos individuaes.

Canta bem e é actor, como quasi todos os artistas francezes e essa sua sciencia de comediante fez realçar muito a bella execução do papel de *Mephistopheles*.

O tenor Jourdain é um artista consciencioso, tem uma voz de agradavel timbre e agradou, sem produzir grandes enthusiasmos, enthusiasmos a que aliás se não presta muito a parte de Fausto na partitura de Boito.

A sr.ª Borlinetto é uma cantora interessante, que tem uma voz agradavel e que se fez applaudir no duetto com a sr.ª Borghi-Mamo, duetto que foi explendidamente cantado por esta illustre artista e bisado no meio de muitos applausos.

A estreia da epoca lyrica foi portanto das mais felizes, não havendo sequer uma nota discordante.

Com muito prazer notamos sensivel differença nas *mise-en-scenes* de S. Carlos. O *Mephistopheles* está muito bem ensaiado e os coristas e comparsas tem muita mais animação, muito mais comprehensão do seu papel do que nos outros annos.

Hoje estreiam-se o barytono Cotogni, o baixo Pinto, o *buffo* Frigiotti e a primeira dama ligeira E. Roussell.

Falaremos d'elles na proxima chronica.

Recebemos da Sociedade de Geographia a seguinte carta, que gostosamente publicamos.

«Terminadas as manifestações publicas iniciadas pela Sociedade de Geographia de Lisboa em honra e homenagem aos benemeritos exploradores da Africa Central, e nossos consocios, os srs. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens, é-nos profundamente grato manifestar a V. o nosso agradecimento e exprimir-lhe a nossa sincera congratulação pela cooperação valiosissima que no animo esclarecido e no auctorisado conceito de V. encontraram esta Sociedade e o pensamento de patriotismo e de justiça que exclusivamente presidira a taes manifestações.

«Quando em face de um movimento crescente e impetuoso de opinião e de interesses, em que viamos perigar o direito, a justiça e o bom nome do paiz, mais se acaloravam os nossos votos e mais anceava o nosso esforço de estudiosos e de portuguezes por uma affirmação nova, directa, pratica, irrecusavel, do velho espirito nacional, generoso e intrepido, e da nossa communhão necessaria na obra da exploração e da civilisação africana, chegavam á costa de Moçambique, idos da outra costa, os nossos bravos investigadores scientificos, e recebia-os e acompanhava os á patria, e envolvia-os aqui, n'um verdadeiro triumpho, — espontaneo e singular, — o applauso, o jubilo, podemos dizer: — a consciencia, — devemos dizer: — a vontade da Nação. Porque é esta a significação auspiciosissima das manifestações festivas a que temos assistido.

«Faltara á verdade que se deve á historia, e faltara ao respeito que se deve ao povo brioso e altivo que acaba de laurear, na coherencia intelligentissima do seu patriotismo e na sinceridade austera da sua justiça, os dois valentes exploradores, quem dissera que n'essa ovação calorosa e unanime da patria portugueza, desde Loanda ao Porto, se não continha a expressão e a synthese da justiça d'esse povo, da sua vontade intemerata, do culto do seu nome, da comprehensão do seu interesse, da solidariedade da honra e da tradição nacional.

«O applauso é uma affirmação tambem; — as ovações verdadeiramente nacionaes, como foi esta, são a expressão expontanea de uma necessidade, de um interesse, de uma aspiração collectiva. Consagram um movimento historico, ou determinam-no e impõem-no indeclinavelmente.

«A festa de um povo é muitas vezes, — e havemos de contar que será agora, — a deliberação do seu futuro. N'esta campanha de revindicações e de propaganda em que trazemos empenhadas, vae em dez annos, as nossas forças, infelizmente modestissimas, não houve dia que melhor nos pagasse o trabalho, nem estimulo que mais generosamente nos realentasse n'elle, — por todos nós ou por toda a Sociedade falamos, — do que aquelle em que vimos o applauso da Nação, — na perfeita unanimidade de todos os corações e de todas as consciencias portuguezas, — levantar á face do mundo e da historia, — n'um triumpho de heroes, — os vultos modestos de dois exploradores africanos, que hontem encontrariam apenas, ao regressar aqui, os braços amigos e os enthusiasmos obscuros de alguns visionarios da nossa grande missão colonial.

«É que o paiz sentiu finalmente que era tempo de pôr embargos ás cubiças e ás calumnias que nos andavam salteando os grandes interesses e as gloriosas tradições do nosso imperio ultramarino; é que a nação que mais ha feito pelo progresso da geographia moderna e pela civilisação do Continente Negro, quiz lançar no grandioso movimento de exploração scientifica, commercial e politica d'aquelle continente, a affirmação consciente e opportuna do seu direito, e tambem dos seus deveres, de cooperação necessaria n'esse extraordinario movimento.

«Assim, por uma feliz coincidencia, a Sociedade de Geographia de Lisboa pode hoje congratular-se simultaneamente pelos trabalhos e descobertas tão interessantes para a sciencia, dos nossos dois bravos consocios, e pela consagração patriotica que o movimento da exploração africana e a propaganda dos interesses e deveres que n'esse movimento nos pertencem, acaba de encontrar em todo o paiz. Cumprindo o grato dever de incluir V. n'esta congratulação, e de lhe transmittir os agradecimentos da Sociedade pelo dedicado auxilio que ella encontrou em V. , temos a desempenhar ainda outro encargo não menos agradavel e honroso, qual é o que recebemos dos nossos illustres consocios, e benemeritos exploradores, srs. Hermenegildo Capello e Roberto Ivens, de agradecer em seu nome a V. as demonstrações de sympathia, applauso e singular distincção que de V. teem recebido. — Deus guarde a V.

«Sociedade, 15 de outubro de 1885.

PELA DIRECÇÃO

Augusto de Aguiar.
Luciano Cordeiro.
J. P. Diogo Pereira Junior.»

Os illustres exploradores seguem a sua viagem triumphal pela Europa; em Madrid foram acolhidos com todas as distincções, e chegaram já a Paris, onde vão fazer uma conferencia perante a sociedade franceza de geographia.

Gervasio Lobato.

Os ultimos successos da Bulgaria e o principe Alexandre

Ha um problema na politica europea, que de quando em quando volta á tella da discussão, que de tempos a tempos ameaça perturbar a paz universal, é a chamada *questão do Oriente*.

Esta questão, como o Proteu da mythologia grega, reveste diversas formas, agitando-se em variados pontos, abraçando uma area enorme de territorio, que se estende de norte a sul desde a Russia até á Abyssinia, e de leste a oeste, desde a Grecia ou talvez desde a Austria até ao Ganges, vindo por causas conhecidas repercutir-se até o noroeste da Europa na França e principalmente na Grã-Bretanha, e o extremo oriente na China.

Não é das coisas mais faceis explicar o que seja a questão do Oriente, ou antes é a coisa mais difficil de explicar. Se ella tivesse por fim a libertação de paizes christãos do jugo do islamismo! mas nós temos visto varias vezes nações christãs alliadas ao sultão, e outras, nações christães, lançarem o seu jugo ou a sua influencia sobre paizes mussulmanos; exemplos o Egypto, a Crimea, o Caucaso, a Bukhara, o Afghanistan, etc.

Mas não é isso, que seria justo, e a politica em geral é perversa e impudica. Se lhe convém o direito estabelecido, serve-se d'elle; se lhe não convém, inventa e estabelece outro de novo. Se não encontra razões que oppôr á indefectivel justiça, protrahe a questão até o momento opportuno de a poder resolver a seu talante, chegando até a abandonar o alliado que mais sacrificios tenha feito, para que o egoismo proprio não soffra. A Polonia, o Zaire, o Brunswick, as Carolinas, são provas d'isto.

Mahomet levantou o Koran na Arabia, e os seus successores estenderam o dominio d'elle para o Oriente até aos confins da Asia, para o Occidente pelo norte da Africa até á sua costa occidental, e atravessando o Mediterraneo alagando a peninsula hispanica e o sul da França, a Sicilia, o sul da Italia, a Grecia, tomando Constantinopla, a Bessarabia, até chegarem as suas armas á Hungria, á Persia, ao Turkestan, ás Bukharas, etc. Repulsados da Europa meridional, concentraram-se no extremo oriente d'ella, na Africa septenptrional e na Asia. Pouco a pouco entre o Baltico e os montes Uraes, foi se constituindo um estado slavo, cujo poder absorvente é immenso, e que ao fim de poucos seculos reunia alguns milhões de almas sob o sceptro d'um homem superior, o czar Pedro. Esse homem, pela sua morte deixava aos seus successores como lemma de politica a absorpção da Asia e a fixação em Constantinopla. Eis o ponto capital da questão do Oriente: a Russia quer apoderar-se de Constantinopla. O reverso d'este lemma é: a Europa, ou principalmente a Inglaterra, não quer Constantinopla em poder dos russos.

D'este embate de desejos e de tentativas, tem tirado lucro a Grecia, a Rumania, a Servia, a Bulgaria, o Montenegro, a Bosnia, a Herzegowina, a Rumelia, que todas teem conseguido ou a sua completa independencia, ou uma especie de autonomia com certa dependencia da Turquia, sua suzerana.

Pelos successos da ultima campanha entre a Russia e a Turquia, quiz aquella tirar lucros territoriaes importantes, a que se oppoz a Europa, que no tratado de Berlim (1878), fixou os paizes que ficariam dependentes da Turquia, os seus limites, e para ter na Austria uma garantia e uma vigia contra a Russia, fel-a participe de certos territorios na Bosnia e Herzegowina.

Constituiram-se então definitivamente os reinos da Servia e Rumania, o principado da Bulgaria e do Montenegro, e ficou a Rumelia com certa autonomia, mas com um governador nomeado pelo sultão. Ha tempos começaram a mover-se certas questões religiosas n'aquelles pequenos estados, e pouco depois havia a entrevista de Kremsier, onde os dois imperadores da Austria e Russia decerto fariam mais alguma coisa do que perguntar pela familia, e dar um abraço e um beijo.

Mezes depois a Rumelia agita-se, levanta-se toda, depõe e prende o governador turco, aliás um rumeliota, Crestowich, e resolve a sua annexação á Bulgaria, acclamando o principe Alexandre. Este sem a menor hesitação acceita o convite, parte de Varna, onde se achava, para Philippopolis com o ministro dos estrangeiros, proclama aos rumeliotas, é applaudido e acclamado por elles.

A Servia põe-se em armas, querendo revindicar certos territorios da Bulgaria, a Rumania do mesmo modo, a Grecia tambem se arma, parecendo existir um accordo entre ellas. A Turquia põe o seu exercito em campo como executora do tra-

tado de Berlim, approxima-se da Rumelia, e reclama uma conferencia em Constantinopla, a que os Estados signatarios do tratado não podem eximir-se, e a que teem adherido com mais ou menos reservas. A Russia, manifesta publicamente certo desagrado ao principe Alexandre pelo passo que deu. A Austria toma medidas; as potencias pelos seus representantes aconselham a Grecia, a Rumania, e o rei da Servia a serem prudentes, e a não complicarem a situação.

Eis o estado em que se acha o tabolleiro onde vemos em cheque varios estados e interesses. A conferencia vae reunir-se, e em quanto as potencias dão instrucções aos seus representantes, e a Inglaterra se dispõe a sustentar a actual posição do principe Alexandre, e a combater a Birmania, que na Asia lhe quiz levantar certas dsfficuldades, — outro item provavel da questão do Oriente, vamos dizer o que sabemos do principe Alexandre.

Nasceu este principe na Hesse (Allemanha) a 5 de abril de 1857; tem portanto 28 annos. É filho de outro principe Alexandre, tio do grão-duque reinante da Hesse, Alexandre IV. — Achava-se em Potsdam, sendo então capitão da Guarda Real do imperador Guilherme, quando a assembléa da Bulgaria, reunida em Tirnova, o elegeu principe soberano do novo estado, constituido pelo tratado de Berlim, a 29 de abril de 1879; tinha então 22 annos. Conserva-se o principe ainda solteiro, mas havia-se dito nos ultimos tempos que se tratava do seu casamento com sua prima a princeza Irene de Hesse. Tem o principe um irmão, Henrique de Battenberg, que em julho ultimo casou em Whippingan, ilha de Wight com a princeza Beatriz de Inglaterra, filha da rainha Victoria.

Não parece crivel que o principe, cuja soberania foi electiva, se decidisse a acceitar tão promptamente a acclamação dos rumeliotas, se não tivesse apoio algures. Qual seria esse apoio, não é facil dizer-se. Uns querem ver n'este successo uma consequencia de entrevista de Kremsier, outros uma instigação da Russia, outros ainda, a da Inglaterra, para entorpecer a acção d'aquella. Não devemos esquecer que o principe veio da Prussia e é cunhado d'uma filha da rainha Victoria, e que ultimamente se diz que a Inglaterra apoia o principe e quer fazer valer o facto consumado.

Na sua nota ás potencias diz o principe que, tendo deixado de existir o estado da Rumelia, o povo pelo sufragio universal o acclamou e os bulgaros lhe pediram que acceitasse esta eleição. Que tomando em consideração os seus sagrados deveres para com o povo acceitou estes votos por uma proclamação dirigida á nação bulgara, mas que declara do modo mais solemne que a reunião das duas Bulgarias se fez, sem a minima intenção hostil para com o governo ottomano, cuja suzerania reconhece; que assegura a tranquilidade dos dois paizes, sem distincção de raça nem de cultos, e que pede ás potencias que reconheçam este estado de coisas, e intervenham com o sultão para que o sanccione, afim de evitar a effusão de sangue, porque o povo está decidido a defender até á morte o facto consumado.

Veremos o que resultará de tudo isto.

J. B.

Capello e Ivens, no Porto

(Concluido do n.º 246)

Na tarde do dia 12 teve logar a sessão solemne da Associação Commercial.

O edificio fôra preparado festivamente para a recepção dos illustres hospedes. O pateo tinha uma elegante decoração de fetos e de massiços de outras plantas e na escada nobre, o busto do infante D. Henrique sobresahia no centro de tropheus de bandeiras e de grupos de aprestes de marinha e de petrechos de guerra. Os outros aposentos estavam por egual dispostos com luxo.

O grande salão arabe, pela sua magnificencia, dispensava quaesquer ornamentações, e assim apenas fôra collocado ao fundo o retrato de el-rei o sr. D. Luiz.

A ceremonia foi presidida pelo sr. cardeal bispo do Porto, assistindo a ella as auctoridades, as delegações das diversas corporações do Porto e Lisboa, incluindo a da Associação Commercial d'esta ultima cidade, negociantes, e muitas damas com *toilettes* de gala.

Aberta a sessão, o sr. Augusto Pinto Moreira da Costa, presidente da Associação Commercial, leu uma allocução, que foi entregue aos exploradores pelo sr. ministro da marinha encerrada em cofres de ebano artisticamente trabalhados.

A patriotica saudação do corpo commercial d'esta praça terminava pelas seguintes palavras:

«Não é a corporação commercial d'esta cidade a ultima a comprehender os seus deveres, e reconhecendo todo o valor da vossa grande obra, pela minha bocca vos dirige as felicitações mais calorosas e os agradecimentos mais sinceros.»

Respondeu o sr. Brito Capello em seu nome e no de Roberto Ivens, referindo que consideravam como uma das mais honrosas saudações que haviam recebido, a que lhes era dirigida pela Associação Commercial do Porto, e concluiu dizendo:

«Agradecendo as felicitações que acabam de nos ser dirigidas, e associando-nos aos cumprimentos dirigidos ao illustre ministro da marinha e ultramar, julgamos interpretar as aspirações do poder executivo que são as do paiz, fazendo votos para que este profundo abalo que a travessia que acabamos de fazer produziu no espirito publico, seja fecundo para o aproveitamento de antigos e novos mercados para o producto da nossa industria, dando desenvolvimento aos centros de producção e justa retribuição ao desalento do trabalho nacional, com todas as vantagens que d'ahi advéem para o bem estar da familia em especial e da sociedade em geral.»

Seguiu-se a mensagem da Sociedade de Geographia Commercial, lida pelo seu presidente o sr. Oliveira Martins, em que traçando um amplo quadro das nossas glorias africanas, realçou os merecimentos scientificos da ultima travessia realisada pelos dois exploradores portuguezes. Disse que aquella Sociedade apenas cumpria um dever conferindo-lhes as maximas honras que o seu estatuto permitte.

Depostas nas mãos do sr. ministo da marinha as medalhas da Sociedade, conferidas aos seus socios benemeritos os srs. Capello e Ivens, s. ex.ª entregou-lh'as no meio de uma saudação calorosa da assembléa.

As medalhas foram cunhadas em prata, tendo alguns dos ornatos em ouro.

Usou por ultimo da palavra o sr. ministro da marinha, que proferiu um dos seus mais notaveis e brilhantes discursos.

A sua palavra arrebatadora e eloquente produziu profunda emoção, que se traduziu por vezes em fervorosos applausos.

O sr. conselheiro Pinheiro Chagas louvando a Associação Commercial e a Sociedade de Geographia Commercial, dirigiu uma saudação enthusiastica a esta cidade, encerrando-se a assembléa sob a impressão harmoniosa do seu verbo arrebatador.

Durante toda a sessão estrugiram na sala repetidas acclamações aos exploradores, os quaes foram alvo alli, como á sahida do edificio, das mais inequivocas provas de respeito e affecto.

A noite houve o banquete de honra no Palacio de Crystal.

O amplo salão do Restaurante tinha um aspecto deslumbrante. Do centro das mezes elevavam-se magnificos *cocus australis, musas* e um grande feto arboreo, achando-se dispostos pelas paredes tropheus de bandeiras e de couraças e armas antigas, bem como de objectos de adorno e armas de guerra dos indigenas da Africa.

O jantar foi de cerca de 130 talheres, occupando o logar de honra o sr. presidente da Sociedade de Geographia Commercial, que tinha á direita o sr. Capello e á esquerda o sr. Ivens.

Defronte o sr. presidente da Associação Commercial, dando a direita ao sr. ministro da marinha e a esquerda ao sr. governador civil do districto.

Occupavam egualmente logares distinctos os srs. presidentes das municipalidades de Lisboa e Porto, general da divisão, chefe do departamento maritimo, commandante da corveta *Sagres*, membros da Sociedade de Geographia de Lisboa, e do Club Militar Naval, conde de S. Miguel ministro da Hollanda, Guilherme Capello governador do Congo, Rangel de Lima secretario particular do sr. ministro da marinha, Costa Mendes official da corveta brazileira *Nitheroy*, vice-presidente do Atheneu Commercial, etc.

O primeiro brinde foi levantado pelo sr. Oliveira Martins a el-rei e aos exploradores, respondendo o sr. ministro da marinha brindando o Porto.

Seguiram-se depois os dos srs. dr. Correia de Barros aos exploradores; Roberto Ivens ás Associações Portuenses; Augusto Pinto Moreira da Costa aos hospedes do Porto; general Sousa Brandão á Sociedade de Geographia Commercial; Agostinho Leão á Sociedade de Geographia de Lisboa; dr. Correia de Barros á cidade de Lisboa; Rosa Araujo á imprensa do paiz; Christovão Ayres á imprensa do Porto, agradecendo o sr. Oliveira Martins.

Um dos brindes mais calorosamente correspondidos foi o levantado á cidade de Lisboa, pelo sr. presidente da camara do Porto.

Depois do banquete, os exploradores dirigiram-se ao Circo do Principe Real, para assistirem ao espectaculo que alli se dava, recebendo ahi do publico novas e calorosas saudações.

Na noite de 13, finalmente, effectuou-se no Atheneu Commercial a conferencia sobre a recente exploração de Africa, conferencia que foi lida pelo sr. Ivens.

Presidiu á sessão o sr. ministro da marinha, tendo por secretarios os srs. Sousa Brandão e Oliveira Martins.

A sala, pela sua concorrencia extraordinaria e selecta, offerecia a mesma prespectiva elegante e luzida, da assembléa anterior.

A descripção da viagem, feita pelo sr. Roberto Ivens, foi ouvida com o maior interesse e coroada com geraes applausos.

Terminada a leitura, o sr. conselheiro Pinheiro Chagas agradeceu á população portuense, á sua municipalidade, á Associação Commercial, Sociedade de Geographia Commercial e Atheneu Commercial as manifestações com que o haviam honrado não só a elle como aos exploradores, dirigindo ao mesmo tempo um gracioso e delicado cumprimento ás damas portuenses pelo brilho que haviam dado ás festas com a sua presença.

A sessão encerrou-se no meio de vivas unanimes da assembléa.

Poucas horas depois os exploradores, o sr. ministro da marinha e as demais pessoas e corporações que os tinham acompanhado de Lisboa dirigiram-se á estação do caminho de ferro para regressarem á capital.

A despedida não podia ser mais saudosa nem mais enthusiastica.

Quando os exploradores e o sr. ministro da marinha sahiram do hotel, aguardava-os a direcção e grande numero de socios do Atheneu e muitas outras pessoas com uma philarmonica, que os acompanharam por algumas ruas no meio de incessantes acclamações.

Apesar da hora adiantada da noite, na *gare* viam-se varias auctoridades, corporações, jornalistas e outros cavalheiros.

Logo que o comboio expresso se poz em movimento, os vivas e as saudações trocaram-se com um transporte que tocou a méta do delirio.

A multidão seguiu correndo, por algum tempo apoz o trem, e ao vel o desapparecer na curva do caminho, ficou ainda ouvindo as palpitações da locomotiva que se afastava, e que levava comsigo os idolos da patriotica adoração que se prolongou com uma intensidade sempre crescente, durante os tres dias em que o Porto os conservou no seu ceio generoso.

O Occidente reproduziu já no numero passado e publica tambem n'este, alguns *croquis* dos festejos e solemnidades que em honra dos exploradores se levaram a effeito n'esta cidade.

O lapis habilissimo de João Christino, cujo talento artistico se realça com as qualidades peregrinas de uma modestia sem egual, completará com os seus desenhos de uma fidelidade e pittoresco palpitantes, as defficiencias d'esta chronica *a vol d'oiseau*.

Porto, 27 de outubro.

Manuel M. Rodrigues.

TRES DIAS EM THOMAR

(Continuado do n.º 245)

III

Estavamos em Thomar.

A primeira impressão foi muito desagradavel, a impressão de ter chegado a uma cidade morta.

Ninguem pelas ruas, ninguem pelas lojas, ninguem pelas janellas — a solidão enorme, o silencio sinistro que deve pairar sobre as velhas cidades abandonadas e desertas.

De vez em quando, muito de longe em longe, um vulto atravessava uma rua, e as suas passadas faziam echo triste n'aquelle oceano de silencio.

Nós chegámos a Thomar n'um dia santo. Imaginámos que exactamente por ser dia santificado é que estava assim deserta e calma a cidade.

Naturalmente a maior parte da gente tinha ido para os arrabaldes, para alguma festa e por isso a cidade de Thomar, a bella Thomar não tinha ninguem nas suas ruas principaes, por onde passava a nossa carruagem com um grande ruido de guizos, ruido que não tinha a habilidade de fazer assomar um rosto curioso a uma janella, uma cara besbilhoteira a uma porta de rua.

Nos dias immediatos, dias de trabalho, dias de semana vimos que esse silencio triste, que essa

CAPELLO E IVENS NO PORTO — Sessão solemne da Associação Commercial do Porto (Desenho do natural por J. Christino)

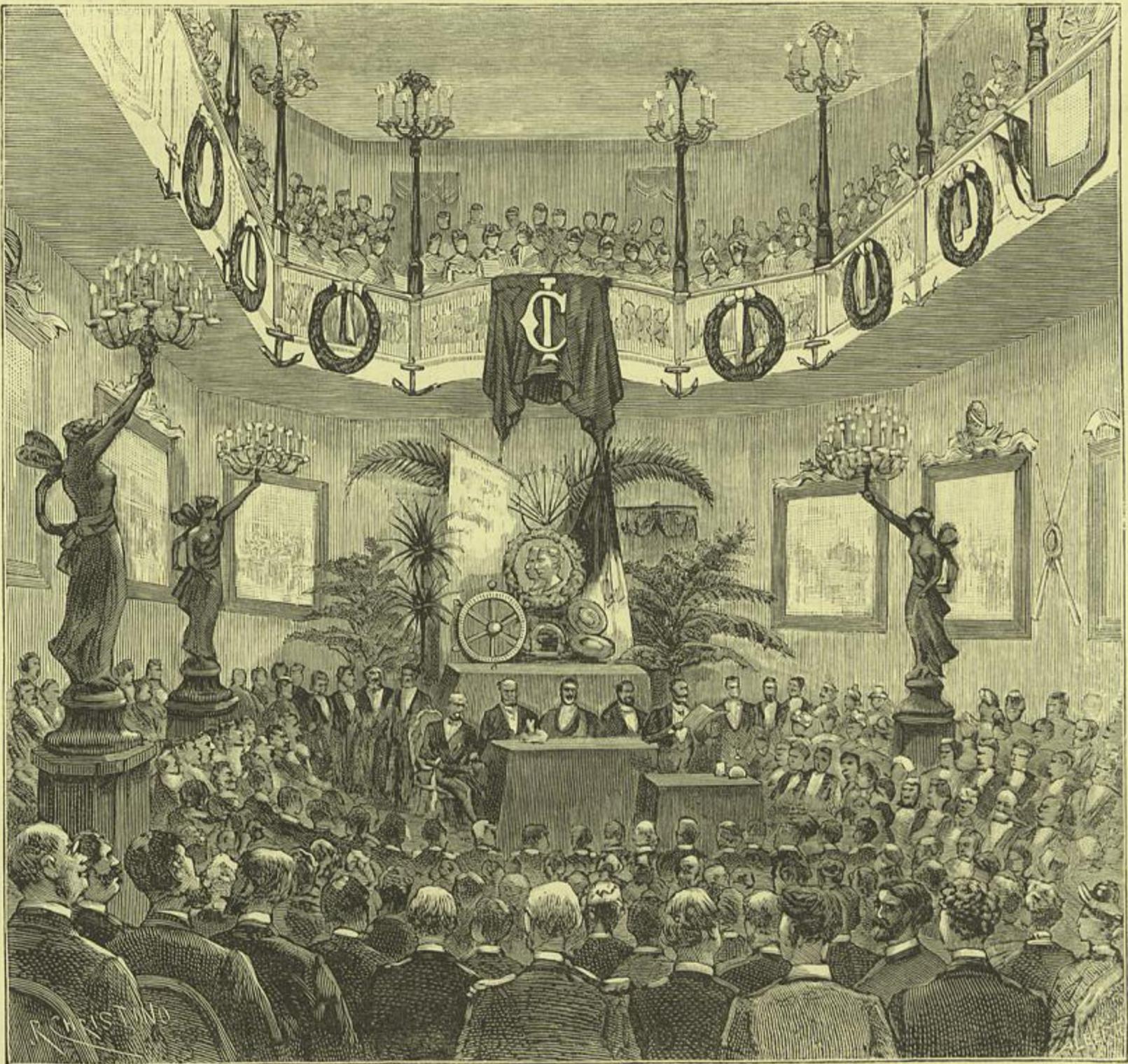
ausencia de vida, de animação, não era do dia santo, era da propria terra.

O Lumiar, Bemfica, Pedrouços, qualquer dos nossos menos animados *fóra da terra* na *morte saison* tem mais vida, mais alegria, menos insipidez que Thomar ao dia santo e ao dia de semana.

Atravessámos toda a rua da Corredoura, a rua principal de Thomar, que corta horisontalmente toda a cidade, uma bella rua, das mais limpas e largas que temos visto em pequenas cidades de provincia, e chegámos á praça principal, praça de S. João, se bem me lembra, onde fica o bello templo de S. João, notavel pelo seu estylo architectonico, pelo seu formosissimo portico manuelino, a Camara Municipal e o Hotel Prista, o hotel Bragança de Thomar.

O Hotel Prista é effectivamente um dos melhores hoteis que temos encontrado ahi pelas pequenas cidades de provincia cuja vida não permitte o estabelecimento de grandes e despendiosos hoteis.

A casa não é má; os quartos são aceiados, que é o mais que se pode exigir, e o passadio muito rasoavel, e os preços muito modestos, o que nem sempre é vulgar nos modestos hoteis.

O que no Hotel Prista ha de melhor, ha realmente de bom, é o Prista.

CAPELLO E IVENS, NO PORTO — Conferencia dos exploradores, no Atheneu Commercial do Porto (Desenho do natural por J. Christiuo)

O Prista é um homem dos seus quarenta annos, forte, de bigode preto, sympathico, menos mau conversador e extremamente serviçal.

Se nos grandes hoteis de Lisboa e do Porto se encontrassem muitos Pristas que bom seria!

Mas geralmente não se encontram.

Ordinariamente os donos de grandes hoteis não fazem nenhum caso dos seus hospedes, é quasi uma fineza que fazem o receberem-os, darem-lhes a honra de os admittir no seu estabelecimento a tantos réis por dia.

— Se não querem não venham cá que até me fazem muito favor, parecem dizer esses donos de hoteis com os seus ares emproados de *grands seigneurs*, e com a má creação tradicional dos seus empregados e dos seus criados, farto de hospedes estou eu. Realmente até me obsequeiam indo para outra parte.

E se o desgraçado hospede chega meia hora mais tarde ao jantar, acha o jantar frio, e a conta a escaldar; se não gosta d'um prato que lhe dão ao almoço tem que se aguentar e calar, senão ainda é quasi que espancado pelos criados.

O sr. Prista, é o contrario d'isto. Parece um discipulo do Gomes, do excellente Gomes do Grande Hotel do Bom Jesus, Gomes e Hotel de quem temos sempre saudades.

A differença é que o Gomes tem um Grande Hotel que se pode pôr a par dos primeiros do nosso paiz, e portanto do paiz visinho, onde os hoteis se não são inferiores aos nossos, em dois ou tres, na grande maioria não se lhe approximam nem de longe, e o Prista tem uma pequena hospedaria, de terra pouco frequentada.

De resto como amabilidade, como boa vontade, como delicadeza, como dedicação pelos seus hospedes, o Prista é o exemplo vivo do amavel hospedeiro do Bom Jesus de Braga.

O Prista pertence aos seus hospedes, faz tudo quanto é possivel para lhes tornar a passagem pela sua casa agradavel, procura-lhes todos os confortos, advinha-lhes os desejos para os satisfazer, não se limita a fornecer-lhes os seus melhores quartos, com as melhores commodidades de que pode dispôr, os seus mais sumptuosos *menus*, dentro das forças culinarias do seu *cordon-bleu*: serve-lhes tambem de guia, de cicerone, mostra-lhes Thomar, desvenda-lhes os segredos de todo o pittoresco

que ha na formosa cidade, prepara-lhes *parties de plaisir* como difficilmente se encontrarão n'outras cidades, almoços e jantares nas margens do Nabão, n'essas deliciosas margens cheias de sombra, de verdura, de poesia, que deviam fazer de Thomar uma das primeiras *villegiaturas* de Portugal, se a maior parte da gente quando vem o verão e deixa a sua casa, se guiasse pelo bom gosto em vez de se guiar pela má moda.

A gravura que o Occidente publica hoje é uma das variadissimas e formosissimas paisagens do Nabão, d'essas paisagens que não tem nada a invejar ás decantadas margens do Mondego

(Continúa) *Gervasio Lobato.*

Exposição da Sociedade de Geographia de Lisboa em Antuerpia

(Continuado do n.º 246)

Ás idéas que haviam determinado e amparado as tentativas anteriores, e particularmente a da concorrencia á exposição de Amsterdam, juntava-se agora como estimulo de uma comprehensão mais facil e geral, a circumstancia de se realisar na Belgica a nova exposição.

Não que fossem as relações mais intimas do nosso commercio com o d'aquelle paiz, ou as influencias de uma longa e mal apurada lenda de uma approximação politica mais affectuosa, ou ainda as proprias condições de importancia mercantil de Antuerpia em relação ao commercio da Europa central, os factores principaes d'essa instigação nova á idéa e ao projecto de concorrermos á exposição colonial que se organisava alli.

Certamente, o commercio e a industria portugueza sustentam de ha muito com o commercio e com a industria belga as relações mais estreitas e amigas; — aquelle povo intelligente e laborioso tem entre nós as sympathias mais sinceras e radicadas; — Antuerpia é nossa velha conhecida, e o seu porto, — que é um dos melhores interpóstos da Europa Central, offerece-nos particulares interesses; — finalmente a exposição realisada n'aquelle activissimo centro annunciava-se como notavelmente proveitosa á exhibição dos nossos recursos e das nossas aptidões de nação colonial.

Assim não fosse n'esse mesmo paiz tão justamente estimado entre nós que a aventura bucaneira, de braço com os interesses mais brutalmente egoistas e ingratos, tivessem podido organisar contra nós uma campanha de calumnias e de intrigas!...

É triste, mas é forçoso dizel-o.

No chamado moderno movimento geographico ou colonial, ou mais propriamente africanista, que ha dez annos se manifesta e cresce, entre nós, a Belgica, — porque não é a nós que compete destrinçar as responsabilidades alheias, — a Belgica está bem longe de offerecer-nos aquelle aspecto sympatico, — aquella grata feição de mestra e de amiga, — sob a qual tanto lhe queriamos e não pouco a idealisavamos tambem.

Por um só facto, a sua influencia ou a sua lembrança se prende realmente a esse movimento, — e filha lidima d'esse movimento foi a nossa exposição em Antuerpia, incontestavelmente.

Esse facto exprime-se por esta mystificação: — a Associação Internacional do Congo.

Não ha outro.

O Congresso Internacional de Geographia realisado n'aquella mesma cidade em 1871, se não foi, — o que é aliás muito discutivel, — perfeitamente indifferente para o moderno movimento geographico europeu, *nenhuma relação tem e nenhuma influencia exerceu* — absolutamente nenhuma, — no moderno movimento geographico portuguez.

Verdade seja, — note-se de passagem, — que o mesmo póde dizer-se da segunda sessão d'esse Congresso, em Paris, no anno de 1885, onde apenas vimos contestados petulantemente, sem refutação nem protesto, a pri ridade dos nossos descobrimentos na costa occidental africana.

Esse movimento iniciado em 1876, em Lisboa, — e do qual faremos um dia a historia documental, — a historia sincera, leal, desapaixonada, — esse movimento não encontrou o sabio archivista sr. Ruelans a convidar honestamente os geographos de todo o mundo á permutação e balanço das suas idéas e dos seus trabalhos sobre a Sciencia da Terra, — encontrou o rei Leopoldo a traçar sobre a carta d'Africa, com uma grande sem ceremonia... philantropica, — os caminhos por onde a principio havia de entrar sómente a civilisação, sem nenhuns intuitos politicos, e por onde depois havia de arremeter a aventura e a cubiça, sob o proposito de fazer do soberano belga um *muene* africano, *in partibus-infidelium.*

Longa vae porém a divagação.

A verdade é que a idéa de irmos affirmar a nossa condição, os nossos recursos, os nossos progressos de nação colonial, no proprio paiz, d'onde irradiava impetuosa e feroz, a propaganda contra o nosso credito, contra o nosso direito, contra as nossas aptidões coloniaes; — o pensamento de verdascarmos a calumnia e de enfulecermos a intriga, pondo ao lado das cubatas fingidas e dos regulos de contrabando da famosa Associação do Congo, — uma Africa possuida, trabalhada e civilisada por nós, — concorreu em muito para que se instasse com particular empenho, para que se trabalhasse com singular dedicação, e para que se resolvesse com feliz intrepidez, — atravez de muites circumstancias embaraçosas, — que as colonias portuguezes fossem representadas, — e digna e brilhantemente, como o foram, ou como nunca o tinham sido, — na Exposição Internacional de Antuerpia.

Por officio de 3 de julho de 1884, a mesa da Sociedade de Geographia de Lisboa «certa de intrepretor os sentimentos da mesma Sociedade *e tendo ouvido a secção commercial d'ella*, que reconheceu mais uma vez a particular conveniencia *e opportunidade* de tornar melhor conhecidas e apreciadas as aptidões e progressos industriaes e mercantis de Portugal, *e muito especialmente das colonias portuguezas,*» dirigiu-se ao Governo perguntando-lhe se este se achava resolvido a organisar directamente a concorrencia de productos portuguezes á exposição de Antuerpia, porque em caso affirmativo a Sociedade estimaria cooperar na medida das suas forças para que a nossa concorrencia á referida exposição fosse proveitosa e condigna, — ou se em caso contrario, «julgaria conveniente que a Sociedade o fizesse, habilitando-a a fazer as necessarias despezas, em tal hypothese menos consideraveis,» e indicando o limite maximo do subsidio com que a Sociedade poderia contar para que tomasse sobre si o encargo.

Foi este officio enviado pelo ministerio das obras publicas, commercio e industria, ao qual fôra dirigido, segundo constava, o convite official, e pelo qual devem correr estes negocios de exposições industriaes.

Respondeu o mesmo ministerio, em 24 de julho, informando que «comquanto o governo reconheça as vantagens que adviriam ao commercio e á industria de Portugal da participação d'este paiz n'aquelle certamen, e ache muito digna de louvor *a iniciativa da Sociedade de Geographia, não póde concorrer officialmente á Exposição d'Antuerpia*, por não o permittirem as circumstancias financeiras.»

«Por este motivo, — accrescentava o documento governativo, — se tem o governo systematicamente abstido *de intervir officialmente* em differentes exposições internacionaes, para que tem sido convidado, *e d'esta sua deliberação,* quanto á exposição de que se tracta, *já deu conhecimento ao governo da Belgica.*»

É por mais de um titulo importante este documento, e fixa irrecusavelmente o caracter da Exposição portugueza que sob a bandeira, a direcção e a responsabilidade da Sociedade de Geographia de Lisboa veio a realisar-se depois.

Não foi, — porque já não podia ser, — uma exposição de Portugal ou das colonias portuguezas, — uma exposição official, em summa, — e os documentos posteriores completam perfeitamente a sua caracterisação especial, — diremos até, — praticamente patriotica e politicamente habil e opportuna.

(Concluir-se-ha) *Luciano Cordeiro.*

O moderno movimento geographico em Portugal

(Continuado do n.º 246)

Na portaria de 30 de dezembro de 1874, rubricada pelo sr. João de Andrade Corvo, a cujo merito e caracter julgamos ter feito plena justiça no final do nosso ultimo artigo, notaram sem duvida os nossos leitores que o deputado, que alli se menciona, o sr. Pinheiro Chagas, é o nosso actual ministro da marinha e ultramar, de quem, ha pouco mais de 20 annos, tivemos a honra de ser condiscipulos durante a nossa frequencia da cadeira de economia politica na Escola Polytechnica de Lisboa. Foi professor de ambos n'esta ingrata sciencia o sr. Luiz de Almeida e Albuquerque.

É o sr. Pinheiro Chagas um dos bons e mais complexos talentos que conhecemos; trabalhador incansavel, é amigo sincero do seu paiz, cujas glorias tem vulgarisado no elegante e rendilhado estylo, que lhe é peculiar. Politico com temperamento de poeta e, por isso mesmo, abundante sempre de vivos e generosos sentimentos, que a sua natureza expansiva e artistica não conseguiu afogar de todo dentro das encadernações do burocratismo official, ainda ha pouco manifestou, nos seus discursos de Lisboa e Porto, como o seu coração, jubiloso e enthusiastico, vibrou de encontro aos levantados successos que o estylista e o orador, mais do que o ministro, assim festejaram e applaudiram.

Foram aquelles discursos, como que uma especie de moldura, com que a alma litteraria do actual ministro da marinha espontaneamente se associou aos feitos e descobrimentos de Capello e Ivens, e um pouco tambem, digamol-o aqui muito á puridade, á sua propria cooperação, como governo, na travessia d'aquelles valentes officiaes da nossa marinha militar. Não lhe queremos mal por isso.

O sr. Alvaro Andrea, já falecido, e o sr. João Capello, foram os restantes vogaes da commissão portugueza da exposição internacional das sciencias geographicas de Paris de 1875, exposição e congresso que, como dissemos, foi a causa determinante de todo o movimento geographico, que ultimamente nos accommetteu.

Ambos officiaes de marinha, foi o sr. Andrea um professor eruditissimo e um bravo e honrado marinheiro, de quem tivemos a honra de ser collega em algumas commissões de servico publico, collega que, a uma notabilissima serenidade de espirito, vimos sempre associar a mais austera e corajosa imparcialidade. O sr. Capello, vivo ainda, e a quem sinceramente desejamos uma existencia de Mathusalem, nós e o paiz, que todos lhe querem muito, é hoje, como já o era então, agora porém mais trabalhado pelo estudo e pelos annos — o que não quer dizer que, disfarçadamente, lhe vamos chamando velho — o distincto e sabio meteorologista que todos respeitamos e que, no levantado desempenho de uma commissão de serviço publico — direcção do observatorio do Infante D. Luiz — tem sabido conquistar geral estima, a que os poderes publicos d'esta terra nem sempre (infelizmente para elles) teem sabido corresponder. Se esta excepção prova a regra geral, registe-se em todo o caso a excepção a que, de passagem, vamos alludindo, para castigo dos culpados.

Resume se ella no seguinte. Reuniu-se ha poucos mezes em Paris uma conferencia internacional de meteorologia, para que foi, como parte integrante, convidado o sr. Capello. Deveres do cargo, a natureza especial do serviço, a indole *sui-generis* da propria conferencia, o limitadissimo numero de seus vogaes, o alcance das suas deliberações, tudo obrigava a comparecermos alli, representados por aquelle cavalheiro. Pois, senhores, parece que, exhaurido o erario portuguez por varios passeios e villegiaturas de amigos ou adherentes (do tal erario), entendeu o governo, que o sustenta e superintende, que o melhor que tinha a fazer, para lhe dar a precisa tonicidade, era difficultar, para d'isso se arrepender mais tarde, porém já sem remedio possivel, a ida a Paris d'aquelle nosso illustre compatriota, que, extranho caso! soube tornar-se illustre quasi que ás escondidas da nação! Prohibiu-se d'esta arte a sua intervenção em uma conferencia, onde s. ex.ª, honrando sobremaneira o seu paiz, poderia contribuir singularmente, e desde já, para o aviamento economico e até diplomatico de muitas averiguações que, sobre serem interessantissimas, se apparentam estreitamente relacionadas com parte do nosso Portugal africano.

No que acabamos de narrar, referimo-nos exclusivamente ao governo, porque o governo, e *só* o governo, consideramos, por boas razões, responsavel pelo facto, a que nos referimos. Coisas nossas!

*
* *

Foi de pouca dura a commissão nomeada pelo documento official que, por motivo do seu valor historico, transcrevemos quasi que na integra no ultimo numero do Occidente. Successos politicos, e melindres de varias especies, oppozeram-se quasi logo ao desempenho do encargo, que lhe fora commettido, dissolvendo-se por assim dizer expontaneamente logo depois de começarem os seus trabalhos; dissolução esta que, de facto, nos parece não poderá ter sido muito posterior a abril de 1875. Foi effectivamente em 23 d'este mez que, sob o titulo de «commissão portugueza da exposição internacional das sciencias geographicas de Paris» se redigiu o convite inserido no *Diario do Governo* do dia seguinte, convite acompanhado por varios e extensos esclarecimentos, e publicado com o proposito de se criar no publico o movimento, de que deveriam sahir parte, pelo

menos, dos productos destinados a figurarem na projectada e já mui proxima exposição internacional. Que nos conste, nenhum outro documento, da mesma chancella, foi dado a lume posteriormente ao convite a que nos referimos.

Estavam as coisas n'estes termos, isto é, quasi chegado o momento de se inaugurar o congresso de Paris e, conjuntamente, o de serem franqueadas ao publico as sal s da sua respectiva exposição, emquanto que, entre nós, jaziam desertos os armazens, destinados á arrecadação dos productos portuguezes que alli deviam comparecer, quando o sr. Corvo, esforçando-se por garantir, quando mais não fosse, a nossa representação official entre os delegados que, de todas as nações do mundo, affluiam áquella importante conferencia, evitando-nos uma parte ao menos da immensa vergonha, que parecia estar-nos imminente, por telegramma de 26 de junho, se resolveu a nomear o então nosso ministro em Paris, o sr. Mendes Leal, delegado portuguez junto ao congresso geographico de 1875.

Torna-se inutil accrescentar que o poeta e escriptor illustre, que preferiu ás suas tão invejaveis glorias litterarias e parlamentares uma especie de aposentação diplomatica, que, por mais illustre que seja, não trocariamos por aquellas, desempenhou com o maximo criterio e patriotismo a missão, de que fôra encarregado, associando desde logo á sua diligente e esclarecida actividade varios portuguezes, que então residiam em Paris, e que immediatamente se prestaram a coadjuvar os nobres e levantados intuitos d'aquelle nosso representante. Foram estes o sr. Vasconcellos Abreu, os srs. m rquez de Penafiel, Soveral e outros, se por ventura mais houve, o que não cremos Entre todos, porém, especificaremos o notavel e sabio professor do curso superior de lettras, o sr. Abreu, nosso velho amigo, que por tal fórma se houve em varias sessões do congresso, que a todos mereceu sincero applauso, pela sua erudição e talento, recebendo por mais de uma vez testemunhos de de grande apreço, que muito lisongearam o grupo portuguez de quem aquelle cavalheiro, então simples estudioso, foi áparte o sr. Mendes Leal, o mais distincto ornamento.

Da exposição portugueza nada havia porém... que se visse! Apesar de toda a provada e incansavel dedicação do nosso ministro em Paris, não era com milagres que s. ex.ª havia de inventar os productos, de que tanto necessitava...

Succedeu porém que, por um feliz acaso, tivessemos, em julho de 1875, de ir a Paris, onde nos deviamos demorar por alguns mezes no desempenho de encargos, nascidos da necessidade de provermos a secção photographica da direcção geral dos trabalhos geodesicos, que então dirigiamos ainda, de alguns elementos materiaes, de que carecia, para consolidação dos creditos, que ao mundo scientifico justamente mereceu aquelle estabelecimento modelo, que o despacho de um ministro mal informado subitamente anniquilou, esphacelando-o e dispersando-o, com injustificavel descredito para o paiz, grave prejuizo para os cofres publicos e satisfação enorme de varias mediocridades que, na sombra, e confiados no nosso proprio desprendimento, não duvidaram elevar até ás regiões do poder executivo os pequeninos despeitos e sentimentos, que lhe deram força e victoria em tão desastrada campanha! Isto exactamente na occasião, em que o instituto, que foi victima d'estas miserandas maquinações, era premiado na exposição internacional de Paris de 1878, com uma rarissima distincção, que a mui poucos no estrangeiro foi concedida, por notavel e excepcional, e pouco antes de um distinctissimo official do exercito inglez, o major Waterhouse, chefe do serviço photographico de Calcuttá, em viagem d'estudo pela Europa, vir recommendado pelo seu governo, de Londres expressamente a Lisboa, antes de visitar a Belgica, onde tanto encontraria na sua especialidade, para estudar as nossas installações e processos, que o celebre editor de Paris, o sr. Gauthier Villars, logo depois da exposição de 1878, entendeu dever dar á estampa em lingua franceza e em edição especial da sua casa! É triste... e o que é peior é que, quando não impera o reclame e não trabalham as *coteries*, tudo isto se faz sem o paiz dar por isso e sem haver opinião que corrija e suspenda os dislates do poder central!

A extincção da secção photographica, com a organisação final, que se lhe propunha, é, perdoem-nos dizel-o n'este logar, um dos maiores desatinos que os nossos governos se podem gabar de ter commettido ha muitos annos a esta parte Nada a justificou; a economia, que se suppoz fazer-se, transformou-se na perda inutil de muitos e avultados valores. E por fim nem mesmo chegou a extinguir-se, porque tem resuscitado aos bocadinhos por aqui e por acolá attestando assim o despropósito do seu anhiquilamento!

Deixando porém este incidente da nossa vida scientifica e burocratica, pretexto futuro, talvez, para diversas explanações, a que em tempo nos esquivámos, por simples lealdade partidaria, de que estamos quasi que arrependidos — tão contraproducente julgamos aquelle sentimento em politica, que se vai tornando, entre nós e cada vez mais, uma especie de porto sujo, onde a saude de coração corre eminente risco de se sumir e apagar de todo — deixando nos por agora de maiores divagações, voltemos aos nossos assumptos geographicos, no ponto exacto onde os deixámos.

*
* *

Succedera portanto que uma commissão de serviço publico, absolutamente extranha a geographias de qualquer especie, nos ia levar até Paris quando, já em vesperas de partida (1), nos foi perguntado pelo sr. João de Andrade Corvo, que para isso nos chamára ao seu ministerio, se nos quereriamos associar aos seus propositos, acudindo ambos, por qualquer modo efficaz e immediato, ao estado de nudez e abandono em que, com escandalo dos nossos creditos, jazia, a meio congresso, a sala portugueza da exposição geographica de Paris. Para remedio de tamanho desastre, dar-nos-hia carta branca, certo da nossa actividade e ainda mais certo do nosso manifesto patriotismo; chegando a Paris combinariamos, no que fosse possivel, com o sr. Mendes Leal, nosso delegado *no congresso*, sobre o modo de curarmos de tudo pela fórma, que mais digna fosse e melhor escondesse a pobreza da nossa bagagem.

Escusado é dizer que acceitámos... sem pensarmos mesmo se teriamos elementos para fazer cousa que se visse e aproveitasse. Tratava-se de acudir a uma grande vergonha nacional, removendo-a com a maxima energia e a mais prompta deliberação... Peior que tudo seria a recusa e não nos assustava o fiasco possivel, nem tão pouco o motejo indigena, que a muitos prende por cá, e que a nós jámais nos prendeu em cousa alguma, afeitos a raciocinarmos de dentro para fóra, em vez de o fazermos de fóra para dentro, como parece que é o caso de muita gente, cujas opiniões são as do meio em que vive, em vez de serem as do proprio espirito, logicamente instruido e lealmente consultado.

Entregámo-nos portanto de corpo e alma ao desempenho do pedido, que com tanto e nobilissimo empenho nos fizera o sr. Corvo.

Em menos de quatro dias, percorrendo as repartições publicas, batendo á porta de bons amigos, extrahindo da nossa pobre Secção photographica tudo quanto nos pareceu mais digno de publico exame, organisando na Direcção geral dos trabalhos geodesicos uma vasta collecção de publicações geographicas e geologicas, conseguimos apurar 175 diversos exemplares, que pesando alguns centos de kilos, tratámos logo de encaixotar e transportar comnosco até Paris, sem olharmos a descanço ou commodidades de qualquer especie.

(Continua) *José Julio Rodrigues.*

(1) Sahimos de Lisboa em 21 de julho.

Errata ao nosso ultimo artigo

Onde se diz: são absolutamente extemporaneas, leia-se: não são absolutamente extemporaneas.

Quinto centenario da batalha de Aljubarrota

UMA PAGINA DA HISTORIA DE PORTUGAL

(Continuado do numero 246)

O assombro e a dor eram justificados, porque, além do triste effeito moral que produzia, a batalha de Aljubarrota importava para os Castelhanos um formidavel desastre: a flor da nobreza lá ficara estendida, porque todos tinham combatido valentemente. Dos Portuguezes que seguiam as bandeiras de Castella, poucos sobreviveram, não só porque durante a batalha combateram sempre nos postos de mais perigo, como tambem porque depois d'ella não foram poupados pelos seus irritados compatriotas. Um irmão de Nuno Alvares, feito prisioneiro e conduzido á presença de el-rei de Portugal, foi por elle confiado a um fidalgo chamado Egas Coelho. Não lhe valeu a protecção: foi assassinado barbaramente.

Fatigado d'esse dia glorioso, deitara-se D. João em cima de um banco de pedra, quando Antão Vasques de Almada lhe lançou aos pés como tapete a bandeira real de Castella. Sorrindo a recebeu o brioso rei, que mal podia ainda acreditar que houvesse ganho tão formidavel batalha. Seguido por um prisioneiro castelhano, foi então percorrendo o campo e inquirindo d'elle os nomes dos mortos de mais graduação. Fôra uma terrivel messe a que o ferro portuguez ceifára. Jaziam no campo D. Pedro, filho do marquez de Villena; D. João de Castanheda, filho do conde D. Tello, primo de el-rei; D. Fernando, filho do conde D. Sancho; o prior dos Hospitalarios castelhanos; o conde de Villalpando; o almirante-mór de Castella João Fernandes de Toar; o mordomo-mór de el-rei, Pero Gonzalez de Mendoza; o adiantado-mór e o marechal de Castella, João Ramires de Arellano; Diogo Gomes Sarmiento; João Duque, e quantos mais! Dos Portuguezes que pelejavam á sombra da bandeira castelhana tinham morrido, o conde de Mayorca; D. João Affonso Tello, irmão da rainha D. Leonor; o mestre de Calatrava, D. Pedro Alvares Pereira, e seu irmão Diogo Alvares; Gonçalo Vasques de Azevedo e Alvaro Gonçalves de Azevedo, seu filho; Garcia Gonçalves Taborda, alcaide-mór de Leiria; João Gonçalves, alcaide-mór de Obidos, e Ayres Pires de Camões, etc. Cahiram prisioneiros, entre outros muitos fidalgos, dois Portuguezes de distincção: D. Pedro de Castro, o filho do conde de Arrayolos, e Vasco Peres de Camões, alcaide de Alemquer, e um castelhano, Pero Lopes de Ayala, o chronista eloquente que temos frequentes vezes citado (1). Do nosso lado, os fidalgos mais distinctos que pereceram foram Vasco Martins de Mello, e aquelle brioso cavalleiro gascão de quem já falámos e que se chamava João de Montferrat.

Não se pode saber qual foi na totalidade o numero dos mortos. Devia ser enorme, tanto pela consternação que houve em Castella, como porque só de homens de armas ficaram no campo estendidos dois mil e quinhentos. Os peões mortos deviam ser muitos mais, porque, fugindo desordenadamente em todas as direcções, foram salteados pelos camponezes e pelos homens das cidades e villas, que se vingavam das suas cruezas de outr'ora, matando n'elles á vontade.»

Eis o que foi a batalha de Aljubarrota.

(Continúa) *A.*

(1) Nascido em 1332, Pero Lopes de Ayala entrou de edade de dezoito annos nos ne ocios publicos, chamado a elles por D. Pedro, o cruel. Seguiu o partido de Henrique de Trastamara, que o fez seu alferes-mór. N'essa qualidade assistiu á batalha de Najera, em que foi feito prisioneiro pelos inglezes, indo passar os seus annos de captiveiro a Londres. Foi feito chanceller quando voltou á patria, e chanceller foi tambem de D. João I. Cahiu prisioneiro dos Portuguezes na batalha de Aljubarrota, mas parece, diz Ticknor, que o seu captiveiro não foi d'esta vez tão cruel nem tão longo como o de Londres. Effectivamente, resgatou-se pelo enorme preço de trinta mil dobras Voltando a Castella, continuou no seu cargo de chanceller, que exerceu ainda durante alguns annos do reinado de Hunrique III. Morreu em Calahorra em 1407, de edade de setenta e cinco annos.

Foi poeta e chronista notavel. Escreveu as chronicas de D. Pedro I, D. Henrique II, D. João I e D. Henrique III até ao sexto anno do seu reinado. Traduziu em castelhano Tito Livio, S. Gregorio e Boecio. Escreveu um livro de caça, e uma especie de poema didactico sobre os deveres dos reis e dos nobres, intitulado *Rimado de palacio*. Rivalisa com o nosso Fernão Lopes, a quem precedeu chronologicamente, e, sendo-lhe inferior talvez em sagacidade de apreciações. Veja-se ácerca d'este escriptor Ticknor, *Historia da litteratura hespanhola — Primeiro periodo desde as origens ate Carlos V*, tr. fr. de Magnabal (Paris, 1864), cap. v, pag. 97, e cap. ix, pag. 167.

RESENHA NOTICIOSA

COMEDIA FRANCEZA. Por fallecimento de Emilio Perrin, ha annos director d'este theatro de Paris, o primeiro theatro nacional, e subsidiado pelo Estado, foi nomeado administrador geral d'elle, o conhecido litterato Julio Claretie, um dos mais fecundos escriptores francezes, que conta quarenta e cinco annos de edade, e é geralmente estimado. Ha porém uma singularidade que não podemos entender nem explicar. Alguns periodicos francezes dando conta d'esta nomeação, esforçam-se por demonstrar que o novo administrador não é presidente da *Société des gens de lettres*, que esta não tem presidente, mas sim um conselho ou commissão renovavel, que escolhe d'entre si o presidente e vice-presidentes, que hão de dirigir os debates internos, limitando-se as suas funcções a este fim, sem que elles tenham sequer a auctoridade effectiva do delegado, sr. Manuel Gonzales, director das finanças e grande arbitro dos litigios. Dizem mais que depois da morte de Edmund About, os suffragios da minoria dos litteratos indifferentes, e da maioria dos amadores dedicados, que compõem outra especie de conselho intimo, foram dados a Julio Claretie, e que este presidira, *de certo pela ultima vez*, na segunda-feira 19 de outubro ultimo á sessão do referido conselho. Para nós é tudo isto estranho e inconcebivel, não podendo comprehender como

em um regimen largamente liberal, se julguem incompativeis os cargos de qualquer sociedade particular, com os da vida publica. Vimos em Hespanha Nuñes de Arce, ministro das colonias, presidir á *Sociedade dos Escriptores,* Canovas, presidente do Conselho de Ministros, á Academia de Historia, e entre nós o sr. Pinheiro Chagas, ministro do Ultramar, á dos Escriptores Portuguezes, occupando aliás cargos muito mais importantes que o de *Director da Comedia Franceza,* que de mais a mais é proprio de um *homem de lettras,* presidente ou não, da Sociedade d'elles. Cada vez nos convencemos mais, de que ha muitas coisas em que não temos que invejar os costumes dos estrangeiros.

Direcção dos aerostatos. Já por mais de uma vez nos temos occupado d'este assumpto (veja-se o volume IV, pagina 240, vol. VI, pag. 259 e 264 vol. VII, pag. 43 e 222, e no presente vol., pag. 192), e agora vemos uma noticia de certa importancia a tal respeito. O ministro da Guerra, de França, em vista dos notaveis progressos realizados na sciencia da aerostação pelos capitães Renard e Krebs no Parque de Chalais-Mendon (nosso vol. VII, pag. 222), resolveu pedir ao parlamento francez um credito sufficiente para habilitar aquelles officiaes, no proseguimento das experiencias necessarias, afim de chegarem a descobrir o motor indispensavel, ainda não encontrado, por meio do qual se possam percorrer longos trajectos.

Fallecimento. Falleceu no Porto o distincto engenheiro Faustino José da Victoria, director das obras publicas d'aquelle districto, ao qual prestou importantissimos serviços, d'entre os quaes são mais importantes a construcção do grandioso edificio da alfandega, e do Hospital dos Alienados do Conde Ferreira, no sitio da Cruz das Regateiras, em cuja construcção introduziu refórmas e modificações no projecto primitivo, que lhe melhoraram immensamente as condições de hygiene e de capacidade.

Leilão de livros. Começa no dia 4 do corrente no Porto, o da importante livraria do fallecido dr. João Vieira Pinto.

Camara dos deputados de França. Findaram as eleições em França trazendo á Camara, segundo as folhas mais imparciaes, 382 deputados republicanos, contra 202 monarchicos. Quem considera sem paixão este resultado obtido pela opposição monarchica, e conhece por experiencia de quanta força dispõem os governos para fazerem vencer os seus partidarios, não pode deixar de reconhecer que elle significa mais do que aquillo que querem fazer suppôr os orgãos mais ou menos claramente dedicados á republica. Entre 382 deputados republicanos, pertencem aos intransigentes 40 o maximo, e parece que 240 constituirão a maioria governamental. Outros periodicos elevam a muito mais o numero dos intransigentes, e d'essa fórma, juntando a elles e á opposição monarchica o numero dos descontentes e dissidentes, que por este ou por aquelle motivo, mais cedo ou mais tarde apparecem, será difficil o exercicio de qualquer governo. Diz-se tambem que o sr. Julio Grévy se resolve a continuar a *sacrificar-se pela patria,* acceitando de novo a presidencia da Republica.

Ducado de Brunswick. Este pequeno ducado, causa primaria da guerra entre a Prussia e a Austria, e da elevação d'aquella, mas que até hoje se mantinha, parece finalmente ter cahido no laço ou rede prussiana. A Dieta de Brunswick elegeu já ou vae eleger o principe Alberto, sobrinho do imperrdor Guilherme, regente do Estado. A *Gazeta de Vooss* affirma que logo que o principe tome posse do cargo, convocará a Dieta do Estado, para lhe submetter uma convenção militar com projectos que teem por fim a suppressão da autonomia administrativa e judicial do ducado, cuja approvação não é duvidosa. Assim ficará realizada a absorpção completa, e o pequeno estado lamentará a perda da sua independencia, quando se vir, mais cedo ou mais tarde, provincia do imperio allemão.

THOMAR — Uma paisagem do Nabão (Segundo photographia de A. S. Magalhães) Vid. artigo "Tres dias em Thomar"

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Oração de sapiencia, *recitada na sala dos actos grandes da Universidade de Coimbra, no dia 16 de outubro de 1885, pelo dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim, lente cathedratico da faculdade de direito.* Coimbra, Imprensa da Universidade dade, 1885, (offerta do auctor). Opusculo de 8.º francez, de 32 paginas. Não era ao illustrado auctor a quem competia no presente anno pronunciar a *oração da sapiencia,* com a qual, segundo os estatutos, se devem abrir os trabalhos do anno lectivo, mas aproveitando habilmente dois acontecimentos notaveis que se davam no dia em que a pronunciou — o anniversario natalicio de S. M. a Rainha, e a distribuição dos premios, — soube dar ao seu discurso dobrado interesse. Termina o folheto a transcripção do *Hymno Academico,* composto em 1846 ou 1847, quando por occasião da revolução popular, os estudantes de Coimbra formaram um batalhão, um tanto indisciplinado, para os actos de exercicio e quartel, mas prompto, firme e decidido para as occasiões de combate, como muitas vezes me disse o seu bravo commandante, o fallecido brigadeiro João José Pereira e Horta, e é curiosa e engraçada a anecdota, que fez sympathisar a Academia, com aquelle valente official, e pedil-o para seu commandante. Entre aquellas estrophes falta uma, que sabemos desde esse tempo, e ouvimos cantar muitas vezes, não sabendo se é de Gonçalves Lima, ou de outro, mas que julgamos a mais brilhante; eil-a:

Eia ávante, ó estudantes,
Que o mal da patria nos doe,
Cada estudante um soldado
Cada soldado um heroe.

Capello et Ivens, *epopée, oeuvre de charité,* — Porto, 10 octobre 1885, Rua Cima de Villa, 129, pelo sr. J. R. Mesnier. É um opusculo de 15 paginas e em verso. Brilhante saudação que permittiu ao auctor commemorar em sentidos versos os desastres da patria na infausta campanha com a Prussia, e lamentar o esphacelamento da Polonia, e as progressivas espoliações feitas á Turquia; estabelecendo a comparação entre esses feitos de sangue, e a marcha valorosa dos nossos dois arrojados viajantes, entre o combate com os homens, e o combate com o clima e os obstaculos da Natureza, eleva a obra dos nossos dois heroes ao primeiro plano da gloria da humanidade, como merecem.

Impressões da leitura da velhice do padre eterno, *poema notavel do distincto poeta Guerra Junqueiro. — Viagem ao Parnaso, por Frei Ugedio* — Santarem, Minerva Industrial, 1885. Não ha obra humana que não possa ser criticada, com mais ou menos razão, por este ou por aquelle principio, e a notavel producção de Guerra Junqueiro não escapa a essa regra, e uma critica severa e justa tem muito que lhe escalpellar no fundo e na fórma, mas não nos parece que o auctor da *Viagem* fosse feliz na maneira por que o fez, em versos pela maior parte faltos do verdadeiro rythmo.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.